

Saberes que se cruzam: gênero, ciência e *expertise* leiga

Knowledge that intersects: gender, science and lay expertise

Conocimientos que se entrecruzan: género, ciencia y *expertise* leiga

Elaine Reis Brandão^(a)

<brandao@iesc.ufrj.br> 

^(a) Instituto de Estudos em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Avenida Horácio Macedo, s/n.º, Ilha do Fundão, Cidade Universitária. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. 21941-598.

Não há na contemporaneidade alguma vivência no campo da Saúde ou experiência corporal (alimentação, prática de exercícios físicos, contracepção, gestação, amamentação etc...) que não seja atravessada pelos saberes biomédicos, onipresentes em nossas sociedades ocidentais e, concomitantemente, pelas redes sociais, em um processo de digitalização do cotidiano também bastante pervasivo¹. A internet oportunizou uma ampliação e uma interação sem precedentes para aqueles que buscam conhecimentos ou informações sobre determinado tema, dispondo, às vezes, apenas de um *smartphone* (celular) nas mãos. A intensidade das trocas digitais, a multiplicidade de divulgadores científicos e *influencers* digitais tornaram as plataformas (Instagram, YouTube, Facebook, WhatsApp) abertas a conteúdos que se propõem a “ensinar” tudo – dietas, exercícios, como amamentar, como parir, como evitar filhos, como educá-los –, ensejando trocas de experiências entre interlocutore/as que jamais se encontrariam não fosse o ambiente digital.

O artigo de Fazzioni e Lerner² integra um conjunto de trabalhos etnográficos que vêm, nos últimos anos, problematizando as relações entre ciência, gênero, tecnologia e maternidade³⁻⁵. Inspirados nos Estudos Sociais da Ciência e, por vezes, também em estudos feministas, temas

como o parto e a amamentação ganham destaque por meio de *blogs*, comunidades virtuais, debates entre ativistas e especialistas, ora enquadrados pela ótica das “evidências científicas”, ora ancorados nas experiências de mulheres que socializam suas práticas de autocuidado ou cuidado com os filhos e seus eventos reprodutivos (gestação, parto, puerpério, amamentação, nutrição infantil...), constituindo assim um conjunto de saberes leigos, socialmente produzidos entre pares.

O compartilhamento de experiências de vida na internet, em especial de eventos relativos à saúde e à doença, como demonstram as autoras, tem sido exponencial e cada vez mais objeto de estudo de várias pesquisadoras no contexto internacional⁶⁻⁸. Esse fenômeno tem dado origem à constituição de um debate em torno de conhecimentos produzidos por experiências concretas de adoecimento, de cuidados corporais ou de algum evento reprodutivo, por exemplo. Nessa direção, o que o artigo em debate nos inspira? A pensar sobre, a considerar ou reconhecer saberes que integram redes de apoio e de cuidado entre sujeitos (mães, cuidadora/es, portadora/es de doenças, usuário/as de tecnologias médicas etc.) para além da ciência canônica como a conhecemos, abrindo uma fresta para uma escuta atenciosa dos relatos e saberes acumulados por meio de uma vivência corporal, matizada pelo gênero, racializada e territorialmente situada. Essa materialidade constitui as possibilidades de exercício da maternidade e da amamentação de modo radicalmente distinto socialmente.

A maternidade é um tema sempre eivado de concepções que a naturalizam ou a sacralizam, sendo permanentemente idealizada e romantizada nas redes sociais. Desnudá-la como um evento social e cultural, que precisa do amparo do Estado para se efetivar de forma digna, de apoio e cuidado de uma rede de proteção que possa se incumbir dos afazeres domésticos e de educação dos filhos, tem sido uma reivindicação de muitas mulheres que sofrem para gerar e criar seus filhos, se considerarmos os marcadores sociais da diferença – classe, gênero, processos de racialização, etnias, territórios etc.

Além dos modelos normativos de como deve transcorrer a maternidade e/ou a amamentação e o que as evidências científicas informam, ratificadas pelas agências como Organização Mundial da Saúde, Organização Pan-Americana de Saúde ou Ministério da Saúde, os saberes gerados no cotidiano das experiências da amamentação, entrecortados por condições sociais materiais e simbólicas concretas, inspiram outro modo de reflexividade e de engajamento que tem dado origem a uma *expertise* leiga e à possibilidade de um empreendimento colaborativo na produção de novos conhecimentos. Uma ciência cidadã tem sido forjada gradativamente, abrindo espaço a outras epistemes enraizadas nas experiências práticas e no cotidiano vivido^{8,9}.

Outro aspecto interessante que o texto aponta é a possibilidade de essas mulheres ou jovens transformarem sua inserção ocupacional por meio desse engajamento nas redes, compartilhando suas experiências e orientando outras mães, auferindo assim alguma renda com a perspectiva de monetização das relações nas quais as informações são compartilhadas e consumidas. Um exemplo bastante próximo dessa iniciativa é o caso de uma adolescente que engravidou aos 14 anos, tendo seu filho aos 15 anos, encontrando inicialmente no YouTube e depois no Instagram um meio de tornar pública e socializar sua gestação, seu parto, sua amamentação, e atualmente a alimentação adequada e saudável para crianças menores de 2 anos (tema do *ebook* que ela comercializa). Como sua filha tem hoje 3 anos,

ela vem acompanhando o crescimento da filha e os desafios da educação e da alimentação infantil com outras mães adolescentes e jovens, tornando-se um fenômeno de sucesso, com aproximadamente noventa mil seguidoras, majoritariamente mães e cuidadoras, tendo alcançado sua independência financeira antes dos 16 anos¹⁰. A possibilidade de trabalhar em casa, próximo dos filhos, criando conteúdos mediante rotinas cotidianas, tem sido possível por meio do interesse majoritário do público em acompanhar aspectos da vida privada, transformando-se em uma via possível para o empreendedorismo digital.

Se o cansaço das mães, aludido no artigo de Fazzioni e Lerner², por meio da intensidade das trocas digitais em conexão *full-time* e do cotidiano de cuidados aos filhos recém-nascidos, pode consumi-las à exaustão, a internet também oferta a possibilidade de encontros e relações sociais, trocas afetivas e apoio mútuo e solidariedade para além das telas, configurando-se em uma extensa rede de apoio, mediada por interesses comuns e partilha de saberes.

Conflito de interesse

A autora não tem conflito de interesse a declarar.

Direitos autorais

Este artigo está licenciado sob a Licença Internacional Creative Commons 4.0, tipo BY (https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR).



Editor

Antonio Python Cyrino

Editor de debates

Sérgio Resende Carvalho

Submetido em

01/12/23

Aprovado em

14/03/24

Referências

1. Segata J, Rifiotis T. Digitalização e dataficação da vida. *Rev Cienc Soc.* 2021; 21(2):186-92. doi: 10.15448/1984-7289.2021.2.40987.
2. Fazzioni NH, Lerner K. Agenciamentos de mulheres que amamentam: refletindo sobre amamentação, maternidade e internet no Brasil. *Interface (Botucatu).* 2024; 28:e220698. doi: 10.1590/interface.220698.
3. Alzuguir F, Nucci MF. Maternidade mamífera? Concepções sobre natureza e ciência em uma rede social de mães. *Mediações.* 2015; 20(1):217-38. doi:10.5433/2176-6665.2015v20n1p217.
4. Nucci M, Russo J. Ciência, natureza e moral entre consultoras de amamentação. In: Silva CD, organizadora. *Saúde, corpo e gênero: perspectivas teóricas e etnográficas.* Juiz de Fora: Editora UFJF; 2021. p. 70-87.
5. Batista JV, Souza ER. Gênero, ciência e etnografia digital: aproximações e potencialidades. *Cad Campo (USP).* 2020; 29(2):e175199. doi:10.11606/issn.2316-9133.v29i2pe175199.
6. Lupton D. *Digital health: critical and cross-disciplinary perspectives.* Abingdon: Routledge; 2017.
7. Lupton D, Maslen S. How women use digital technologies for health: qualitative interview and focus group study. *J Med Internet Res.* 2019; 21(1):e11481. doi: 10.2196/11481.
8. Akrich M. From communities of practice to epistemic communities: health mobilizations on the internet. *Sociol Res.* 2010; 15(2):116-32. doi:10.5153/sro.2152.
9. Pols J. Knowing patients: turning patient knowledge into science. *Sci Technol Human Values.* 2014; 39(1):73-97. doi:10.1177/0162243913504306.
10. Gonçalves ACF. *Nutrição infantil nas redes sociais no período de 2021 e 2022: interseccionando reprodução adolescente e processo de autonomização [trabalho de conclusão de curso].* São Paulo: Universidade de São Paulo; 2022.